

## Palmira sob Fogo Cruzado: Patrimônio Cultural, Iconoclash e a Guerra Midiática

### Palmira under Crossfire: Cultural Heritage, Iconoclash and the Media War

Enviado em: 20-06-2025

Aceito em: 09-07-2025

Diego Rabelo Nonato<sup>1</sup>

Leandro Coutinho Silva<sup>2</sup>

Luciano Pereira da Silva<sup>3</sup>

#### Resumo

Este artigo analisa a destruição do patrimônio cultural na cidade de Palmira, na Síria, entre os anos de 2015 e 2017, a partir das ações promovidas pelo grupo jihadista Daesh. A pesquisa problematiza os impactos dessas ações no sítio arqueológico e suas repercuções na geopolítica internacional, destacando a utilização do conceito de “iconoclash”, de Bruno Latour, para compreender a destruição como prática simbólica e política. Além disso, o trabalho investiga o papel da mídia na construção de narrativas sobre o conflito, evidenciando como as imagens da destruição foram mobilizadas tanto por atores estatais quanto pelo próprio Daesh, enquanto ferramenta de propaganda. A reconstrução de Palmira é discutida sob a perspectiva da autenticidade patrimonial e da instrumentalização política, ressaltando os dilemas éticos e técnicos envolvidos. Conclui-se que a destruição cultural em contextos de guerra deve ser compreendida como fenômeno multidimensional, que articula violência material, disputa simbólica e circulação midiática.

**Palavras-chave:** Palmira, patrimônio cultural, mídia.

#### Abstract

This article analyzes the destruction of cultural heritage in the city of Palmyra, Syria, between 2015 and 2017, as a result of actions promoted by the jihadist group Daesh. The research problematizes the impacts of these actions on the archaeological site and its repercussions on international geopolitics, highlighting the use of Bruno Latour's concept of “iconoclash” to understand destruction as a symbolic

<sup>1</sup> Professor substituto do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro UFPel. Doutorando no programa de Pós Graduação de Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel, Bolsista CAPES. E-mail: diego\_rabello@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Analista Judiciário do TRF1, Doutor em Ciência da Informação pela UFBA. E-mail: leandrocoutinhosilva@gmail.com.

<sup>3</sup> Professor do Departamento de História da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Email: lucianopatrimonio@matogrossodoeste.edu.br

and political practice. In addition, the paper investigates the role of the media in constructing narratives about the conflict, highlighting how images of destruction have been mobilized both by state actors and by Daesh itself, as a propaganda tool. The reconstruction of Palmyra is discussed from the perspective of heritage authenticity and political instrumentalization, highlighting the ethical and technical dilemmas involved. The conclusion is that cultural destruction in war contexts must be understood as a multidimensional phenomenon, which combines material violence, symbolic dispute and media circulation.

**Keywords:** Palmyra, cultural heritage, media.

## Introdução

O presente artigo pretende relatar e problematizar os impactos sofridos nos sítios arqueológicos de Palmira<sup>4</sup>, na Síria, entre 2015 e 2017, período marcado por intensas ocupações militares tanto por parte das forças sírias e aliadas quanto pelo Daesh<sup>5</sup>, conhecido no Ocidente como “Estado Islâmico”. Palmira, enquanto patrimônio da humanidade, tornou-se epicentro de uma disputa que transcende o campo militar e adentra as esferas simbólica, cultural e midiática.

O período escolhido para análise concentra-se em um momento chave: a destruição sistemática do patrimônio por parte do Daesh, seguida da reconquista de Palmira pelas forças sírias e aliadas. Tais eventos foram amplamente repercutidos pela mídia internacional, configurando-se em uma batalha não apenas territorial, mas sobretudo simbólica, na qual a destruição patrimonial foi utilizada como arma estratégica e comunicacional.

---

<sup>4</sup> A cidade histórica de Palmira (em árabe: تدمر *Tadmor*) está situada no deserto da Síria central, a aproximadamente 215 km a nordeste de Damasco. Localiza-se estrategicamente em um oásis que, desde a Antiguidade, serviu como ponto vital nas rotas comerciais entre o Mediterrâneo e a Mesopotâmia. O nome *Palmira* (do latim *Palmyra*, "cidade das palmeiras") foi cunhado pelos romanos, enquanto *Tadmor* (de possível origem semítica pré-romana) permanece em uso local e em documentos oficiais sírios. Cf. SARTRE, Maurice. *Palmyre: Vérités et légendes*. Paris: Perrin, 2016, p. 17-23.

<sup>5</sup> O termo **Daesh** corresponde ao acrônimo árabe de *al-Dawla al-Islamiyya fi al-'Irāq wa al-Shām*, que significa "Estado Islâmico do Iraque e do Levante" (EIIL). A sigla, amplamente utilizada no Oriente Médio e por diversos governos ocidentais, busca evitar o reconhecimento político implícito na expressão “Estado Islâmico” e possui conotações pejorativas na língua árabe, sendo rejeitada pelos próprios membros da organização. O grupo jihadista emergiu a partir de dissidências da Al-Qaeda no contexto da guerra do Iraque e do colapso do Estado sírio, autoproclamando-se califado em 2014, sob a liderança de Abu Bakr al-Baghdadi. Sua atuação destacou-se pela brutalidade de suas ações, que incluíram execuções públicas, perseguições a minorias religiosas e a destruição sistemática de sítios arqueológicos e patrimoniais como estratégia de guerra e propaganda ideológica (Chaliand; Blin, 2016). CHALIAND, Gérard; BLIN, Arnaud. *A guerra no século XXI: do terrorismo à guerra cibernética*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

O Daesh ocupou Palmira em dois períodos distintos: primeiro, de **maio de 2015 a março de 2016**, quando foi expulso por forças sírias, iranianas, do Hezbollah libanês e russas; e segundo, de **dezembro de 2016 a março de 2017**, após uma contraofensiva jihadista. Entre esses intervalos, a cidade foi palco de cinco batalhas decisivas, com a destruição mais intensa do patrimônio ocorrendo durante a segunda ocupação, quando templos milenares como o de Bel e o Arco do Triunfo foram reduzidos a escombros. A reconquista definitiva pelas tropas governamentais em **março de 2017** marcou o fim da presença do grupo na região, mas não da sua influência simbólica.

Compreender os eventos ocorridos em Palmira requer uma análise que vá além das imagens de ruínas e das manchetes jornalísticas que dominaram a cobertura internacional. É preciso considerar os processos históricos, políticos e culturais que permitiram que o patrimônio cultural se transformasse em alvo e instrumento de guerra, revelando a fragilidade da proteção internacional e as ambiguidades das reações globais como aponta o historiador Paul Veyne em sua obra “Palmira”:

Palmira 'não é apenas um campo de ruínas, mas uma chave para entender os encontros entre civilizações'. Sua destruição apagou um capítulo do diálogo entre Oriente e Ocidente, revelando como o patrimônio cultural se transforma em alvo de guerras que transcendem o território. É preciso considerar os processos históricos, políticos e culturais por trás dessa instrumentalização, que expõe a fragilidade da proteção internacional e as ambiguidades das reações globais." Tradução Nossa (Veyne, 2015.)

Ao longo deste artigo, propõe-se uma reflexão a partir do conceito de “iconoclash”, desenvolvido por Bruno Latour (2008), que aponta para a ambivalência dos atos de destruição de ícones, ora vistos como purificação, ora como violência, mas sempre carregados de tensão e incerteza. A partir desta perspectiva, busca-se superar leituras simplistas que reduzem tais eventos a meros atos de vandalismo ou extremismo religioso.

Outro aporte teórico fundamental para esta análise é a noção de “política de terra arrasada” (Harmanşah, 2015), que interpreta a destruição do patrimônio como um ato performático e estratégico, destinado a desestabilizar comunidades, apagar memórias e impor novas ordens políticas e simbólicas.

Neste contexto, o artigo também considera a mobilização social e institucional em torno da salvaguarda do patrimônio cultural, bem como as respostas das organizações

internacionais, como a UNESCO, que rapidamente classificaram os ataques a Palmira como crimes de guerra, reforçando a dimensão política da proteção patrimonial.

Entende-se que o caso de Palmira não é um episódio isolado<sup>6</sup>, mas insere-se em uma dinâmica mais ampla, na qual o patrimônio cultural, especialmente em contextos de guerra, torna-se alvo preferencial para grupos que buscam afirmar sua força, seja destruindo símbolos do “outro”, seja ocupando o centro do palco midiático global.

Além disso, a análise aqui empreendida procura evidenciar o papel crucial da mídia na construção das narrativas sobre a destruição de Palmira. A espetacularização das ruínas e das ações do Daesh contribuiu para criar uma guerra de imagens que, por vezes, reforçou a própria propaganda jihadista, ao mesmo tempo em que suscitava indignação e mobilização internacional.

Assim, a destruição do patrimônio de Palmira deve ser interpretada como um fenômeno complexo, atravessado por múltiplos interesses, discursos e estratégias. Este artigo, portanto, busca oferecer uma contribuição para o entendimento das novas formas de violência simbólica e patrimonial que caracterizam os conflitos armados contemporâneos.

Nas últimas décadas, os conflitos armados passaram a se estruturar não apenas em torno do controle territorial ou da imposição militar, mas também da disputa por sentidos, narrativas e visibilidade. A guerra, em seu estágio contemporâneo, é cada vez mais travada no campo simbólico, sendo o patrimônio cultural um dos alvos privilegiados dessa disputa. A destruição de bens culturais deixa de ser um subproduto da violência para se tornar um componente estratégico, em que a espetacularização dos ataques e a manipulação de imagens ganham papel central na construção de poder e terror.

Além disso, este estudo dialoga com a reflexão proposta por Byung-Chul Han (2022) sobre o regime informacional contemporâneo que caracteriza a infocracia — uma forma de

---

<sup>6</sup> Sobre a instrumentalização do patrimônio cultural em conflitos, ver:

BRODIE, Neil. *The Plunder of Cultural Heritage: A Crime Against Whom?* In: The Palgrave Handbook on Art Crime. London: Palgrave Macmillan, 2019, p. 145-168. (Analisa casos comparáveis de destruição patrimonial como estratégia de guerra)

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. *The Archaeology of the Spanish Civil War*. London: Routledge, 2020. (Aborda a destruição de patrimônio como arma política em contextos bélicos)

UNESCO. *Strategy for Reinforcing UNESCO's Action for the Protection of Culture and the Promotion of Cultural Pluralism in the Event of Armed Conflict*. Paris: UNESCO, 2015. (Documento oficial que contextualiza a vulnerabilidade do patrimônio em guerras).

dominação baseada na aceleração digital da informação, na fragmentação do discurso e na manipulação pré-reflexiva dos afetos. A análise do caso de Palmira, nesse sentido, permite identificar como a destruição do patrimônio opera não apenas como ato simbólico e militar, mas também como evento profundamente mediado pela lógica da infocracia, em que o controle da narrativa e da circulação imagética se torna um instrumento de poder tão ou mais eficaz do que a violência física.

Por fim, cabe ressaltar que a escolha por focar o período entre 2015 e 2017 se justifica não apenas pela intensidade dos eventos, mas também pelo fato de que este intervalo temporal permite analisar, de forma articulada, a destruição, a repercussão internacional e as tentativas de reconstrução e ressignificação do patrimônio, processos que, embora distintos, se encontram intrinsecamente relacionados.

### A Destrução como Performance: Iconoclastia ou Iconoclash?

A destruição do patrimônio cultural de Palmira não pode ser interpretada apenas como um ato de iconoclastia impulsiva ou irracional. Trata-se de um fenômeno que deve ser compreendido à luz do conceito de “iconoclash”, proposto por Bruno Latour (2008), que descreve a ambivalência e a complexidade envolvidas nos gestos de destruição de imagens e monumentos.

Segundo Latour, o iconoclash ocorre quando não se sabe se a destruição busca eliminar um símbolo considerado nocivo ou se objetiva criar um novo sentido a partir da ruína provocada. A tensão entre destruição e criação é o que caracteriza esse fenômeno, que extrapola a mera iconoclastia tradicionalmente entendida como destruição motivada por repúdio religioso ou ideológico.

No caso de Palmira, o Daesh utilizou a destruição dos templos de Bel e Baal-Shamin como uma performance destinada a diversos públicos: seus militantes, os inimigos locais, e a audiência global, para quem as imagens das explosões foram cuidadosamente encenadas e divulgadas como podemos ver a repercussão em redes de grande alcance como evidenciado pela **BBC News** em sua reportagem "*Islamic State 'blows up Palmyra temple' - satellite images*" (24/08/2015), imagens de satélite confirmaram a destruição meticulosa do Templo de Baal-Shamin, demonstrando que o alvo foi selecionado com precisão estratégica. A matéria, reproduzida em 12 idiomas, destacou como a demolição foi realizada de forma a maximizar

**Revista Memória em Rede, Pelotas, v.17, n.33, Jul/Dez 2025 – ISSN- 2177-4129**  
<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria>

seu impacto visual, servindo tanto como ato de propaganda interna quanto como mensagem de desafio à comunidade internacional.

Já o **The New York Times**, em "*Palmyra Temple Was Destroyed by ISIS, U.N. Confirms*" (31/08/2015), analisou a dimensão performática dessas ações, descrevendo-as como "*coreografadas para consumo midiático global*". O artigo incluía um vídeo originalmente divulgado pelo próprio Daesh – posteriormente removido por violar políticas de conteúdo violento – que alcançou mais de 2,3 milhões de visualizações em 48 horas, demonstrando a eficácia do grupo em instrumentalizar plataformas digitais para amplificar seu terror. Essas coberturas midiáticas não apenas documentaram a destruição, mas também revelaram a dualidade da estratégia do Daesh: enquanto as ruínas físicas serviam para apagar vestígios de pluralismo cultural no terreno, sua espetacularização digital garantia que o ato ecoasse como um "*crime contra a humanidade*" nas palavras da então diretora-geral da UNESCO, Irina Bokova: “A destruição deliberada do patrimônio cultural constitui um crime de guerra [...] O que estamos testemunhando em Palmira é um crime contra a civilização, não apenas contra a Síria, mas contra toda a humanidade” (Bokova, 2015).

Assim, Palmira tornou-se simultaneamente um campo de batalha real e um palco simbólico, onde a guerra pela memória foi travada tanto com explosivos quanto com algoritmos.

Ömür Harmanşah (2015) complementa esta interpretação ao afirmar que tais destruições configuram uma “política de terra arrasada”, cujo objetivo não se limita à eliminação do inimigo físico, mas busca apagar a memória cultural e patrimonial associada à diversidade e à pluralidade de identidades históricas da região. What ISIS performs is not simply iconoclasm [...] but rather a theatrical politics of erasure - a 'scorched earth' policy that seeks to annihilate [...] the very memory of cultural diversity embedded in these ancient landscapes. (Harmanşah, 2015, p. 172).<sup>7</sup>

A ação do Daesh, portanto, não se restringe ao campo religioso, mas insere-se numa lógica política e simbólica mais ampla, que visa a impor uma visão homogênea de mundo,

---

<sup>7</sup> O que o ISIS realiza não é simplesmente iconoclastia no sentido tradicional de destruir imagens, mas antes uma política teatral de apagamento - uma 'política de terra arrasada' que busca aniquilar não apenas o inimigo físico, mas a própria memória da diversidade cultural inscrita nestas paisagens antigas" (HARMANŞAH, 2015, p. 172, tradução nossa).

pautada pela rejeição violenta da alteridade representada pelos vestígios arqueológicos de Palmira.

Os registros midiáticos originais que documentavam a estratégia de espetacularização das destruições em Palmira — como os vídeos produzidos pelo Daesh e as análises técnicas de veículos como *BBC*, *The New York Times* e *Al Jazeera* — encontram-se atualmente indisponíveis nas plataformas citadas, seja por remoção devido a políticas contra conteúdo extremista, seja por descontinuação de links. Essa ausência paradoxalmente reforça o caráter efêmero da própria propaganda terrorista, que dependia de plataformas digitais agora empenhadas em apagar seus rastros. Estudos como os de **Hoskins & O'Loughlin (2007)** destacam que essa 'amnésia digital' cria desafios para a preservação da memória histórica de crimes contra o patrimônio, tornando essencial o arquivamento por instituições como a UNESCO ou projetos acadêmicos especializados.<sup>8</sup>

Também a própria escolha dos alvos não é aleatória: o templo de Bel, por exemplo, não apenas era um dos mais bem preservados exemplares da arquitetura greco-romana na Síria, mas também símbolo da diversidade religiosa e cultural que caracterizou a cidade de Palmira ao longo dos séculos.

Figura 1 - Templo de Bel antes e depois da destruição

---

<sup>8</sup> "Embora os links originais de cobertura jornalística sobre Palmira estejam inacessíveis em muitos veículos, instituições como o Syrian Heritage Archive Project (Museu de Berlim) e a Biblioteca Digital Mundial mantêm versões arquivadas desses materiais, garantindo seu acesso para pesquisa histórica."



Fonte: Viva destinos, 2024<sup>9</sup>.

Ao destruir esses monumentos, o Daesh buscava, por um lado, apagar vestígios materiais de passados que considera incompatíveis com sua visão de mundo, e, por outro, afirmar sua força política e militar, demonstrando ao mundo sua capacidade de desafiar a ordem internacional.

O conceito de iconoclash é, portanto, central para compreender a destruição de Palmira, pois evidencia que o ato não é apenas destrutivo, mas também criador de novas narrativas e significados, ainda que pautados pela violência e pela exclusão.

A destruição como performance também se insere na lógica do “espetáculo do terror”, conforme descrito por Debord (1967) em sua teoria da sociedade do espetáculo, onde o ato terrorista não visa apenas a eliminação física, mas sobretudo a produção de um impacto simbólico e midiático duradouro.

O caso de Palmira ilustra como os conflitos contemporâneos operam cada vez mais nesse registro simbólico, onde as ações militares são acompanhadas de estratégias comunicacionais que visam a moldar percepções, gerar medo ou admiração, e influenciar comportamentos políticos e sociais.

A análise do iconoclash em Palmira permite, assim, compreender que a destruição patrimonial não é um fenômeno marginal ou accidental dos conflitos armados, mas um elemento central, planejado e executado com objetivos claros, ainda que seus efeitos e significados sejam múltiplos e ambivalentes.

Por fim, é importante destacar que o conceito de iconoclash também nos ajuda a pensar as respostas internacionais à destruição de Palmira, uma vez que as tentativas de restauração e preservação das ruínas são, elas próprias, gestos iconoclashianos: um esforço

<sup>9</sup> Figura 1 - disponível em: <https://vivadestinos.blogspot.com/2024/03/explorando-o-antigo-templo-de-bel.html>  
**Revista Memória em Rede, Pelotas, v.17, n.33, Jul/Dez 2025 – ISSN- 2177-4129**  
<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria>

para recompor a ordem simbólica violada, ainda que nunca se consiga apagar totalmente as marcas da destruição.

### **A Prisão de Tadmor: Destrução, Memória e Política**

A destruição da prisão de Tadmor, localizada próxima ao sítio arqueológico de Palmira, representa um episódio que transcende o âmbito do patrimônio cultural, inserindo-se diretamente na esfera da memória política e social da Síria. A prisão, classificada pelos diversos opositores sírios (armados e não armados) como um centro de repressão e tortura, era símbolo do autoritarismo do regime de Hafez al-Assad e, posteriormente, de seu filho Bashar al-Assad.

Sua explosão pelo Daesh, em 2015, foi apresentada pelo grupo como um ato de “libertação” e uma vingança contra o aparato repressivo do Estado sírio. A narrativa jihadista sobre a destruição da prisão se apropriou do imaginário de resistência política, ainda que sob uma lógica de violência e radicalismo extremo.

A comparação, feita neste artigo, entre a destruição da prisão de Tadmor e a Queda da Bastilha na Revolução Francesa busca apenas destacar o caráter simbólico do ato enquanto destruição de um espaço de encarceramento e opressão, e não estabelecer uma equivalência valorativa entre os dois eventos históricos.

Para muitos dos militantes jihadistas que estiveram aprisionados em Tadmor, a sua detonação representou o fim de um espaço de sofrimento e um ajuste de contas com o governo sírio. Contudo, para além desta visão, a destruição também apagou vestígios materiais importantes sobre as práticas de repressão estatal, dificultando futuras iniciativas para verificação de memória e justiça.

O ataque à prisão foi amplamente divulgado pelo Daesh através de vídeos e comunicados oficiais, reforçando sua estratégia de autopromoção e espetacularização da violência. As imagens da explosão circularam pelas redes sociais e meios de comunicação, inserindo-se na guerra simbólica e midiática que caracteriza o conflito sírio.

Figura 2 - Prisão antes e durante o ataque.



Fonte: CABEZA, 2020<sup>10</sup>

Por outro lado, o governo sírio tentou capitalizar a destruição da prisão como mais um exemplo da “barbárie” do Daesh, utilizando o episódio para reforçar seu discurso em favor da necessidade de combate ao terrorismo e de manutenção da ordem estatal.

Assim, a destruição da prisão de Tadmor ilustra como, no contexto do conflito sírio, ruínas materiais são mobilizadas por diferentes atores para construir narrativas antagônicas: ora como símbolo da repressão estatal, ora como prova da selvageria jihadista.

Para a comunidade internacional, o episódio da prisão de Tadmor gerou uma repercussão distinta daquela provocada pela destruição dos sítios arqueológicos. Enquanto a perda do patrimônio cultural de Palmira suscitou condenações unâimes, a explosão da prisão foi, em muitos casos, recebida com ambivalência ou silêncio. Conforme noticiado pela *Al Jazeera*: “Islamic State of Iraq and the Levant (ISIL) group has blown up the infamous prison complex in the central Syrian city of Palmyra ... Syrian state media did not mention the Explosion” (Aljazeera, 2015)

Essa omissão da mídia estatal síria aponta para uma recepção ambivalente do episódio em diferentes esferas. Já a *Associated Press* registrou, via *SFGate*, que ex-detentos lamentaram profundamente a destruição, afirmando que: “They destroyed the land that absorbed our blood because of torture”, demonstrando que, mesmo entre vítimas do regime, havia uma percepção de perda, não apenas de destruição, mas da memória da repressão que o local representava. (Sfgate, 2015)

---

<sup>10</sup> Figura 2 - Disponível em:  
<https://www.pagina7.cl/noticias/sociedad/2020/08/22/tadmur-los-horrores-que-esconde-la-prision-mas-cruel-de-medio-oriente-durante-decadas>.

Este silêncio evidencia a complexidade ética e política envolvida na destruição de lugares associados à violência estatal. A prisão de Tadmor era, para muitos sírios, um espaço que merecia ser desmantelado, mas sua destruição pelas mãos do Daesh problematiza a legitimidade e os efeitos de tal ato.

A ausência de um debate mais amplo sobre a destruição da prisão revela também a seletividade da comoção internacional frente às perdas patrimoniais e históricas. O patrimônio arqueológico clássico, associado à herança greco-romana, suscitou mobilização e luto globais; já a destruição de uma prisão símbolo da violência política moderna foi, em larga medida, marginalizada.

Neste sentido, o episódio de Tadmor permite refletir sobre a hierarquia implícita nos regimes de memória e nas políticas de patrimonialização: certos vestígios são rapidamente elevados à categoria de patrimônio universal, enquanto outros permanecem como memórias locais, periféricas ou incômodas. Como aponta Nora:

Há uma diferença entre a memória, sempre viva, e a história, que é a reconstrução problemática e incompleta do que não existe mais. Os lugares de memória surgem porque não há mais meios de fazer a memória viver espontaneamente. Só se tornam lugares aqueles elementos que escolhemos destacar, enquanto outros, por diversos motivos, são relegados ao esquecimento (Nora, 1993, p. 9).

A destruição da prisão também levanta questões sobre o papel do patrimônio como testemunho histórico. Apesar de sua função opressiva, o edifício poderia ter sido preservado como um memorial ou espaço de reflexão sobre a violência de Estado, a exemplo de outras prisões transformadas em museus, como Robben Island, na África do Sul.

A perda da prisão de Tadmor, portanto, não deve ser entendida apenas como mais um ato de destruição promovido pelo Daesh, mas como um evento que interroga as fronteiras entre patrimônio, memória, justiça e política, desafiando as formas tradicionais de pensar a preservação e a destruição cultural em contextos de guerra.

### **Palmira como Símbolo Geopolítico: A Reação Internacional**

A destruição de Palmira provocou uma intensa reação internacional, mobilizando organismos multilaterais, governos, intelectuais e a sociedade civil em defesa do patrimônio cultural da humanidade. A UNESCO foi uma das primeiras instituições a condenar os

ataques, qualificando-os como crimes de guerra e clamando por ações concretas para proteger o legado cultural da Síria.

A Diretora-Geral da UNESCO à época, Irina Bokova, afirmou que a destruição de Palmira configurava um ataque não apenas contra a história síria, mas contra a memória coletiva de toda a humanidade. Este discurso reforçou a ideia de um patrimônio universal, cuja salvaguarda transcende fronteiras nacionais.

A destruição de Palmira constitui um crime intolerável contra a civilização [...]. Quem viu Palmira guarda para sempre na memória a dignidade do povo sírio e as aspirações mais nobres da humanidade. Cada um desses ataques nos convoca a preservar amplamente o patrimônio da humanidade [...]. (Papagiannis, 2015)

A reação internacional, no entanto, não se limitou a manifestações diplomáticas. Diversos países europeus e organizações culturais lançaram iniciativas para mapear, documentar e, futuramente, reconstruir os monumentos destruídos. Projetos como “New Palmyra” e o uso de tecnologias de digitalização 3D passaram a ocupar um papel central nas estratégias de preservação digital.

Figura 3 - Imagem em 3D, projeto de reconstrução de Palmyra



Fonte: BUSTA, 2015<sup>11</sup>

A destruição de Palmira também reacendeu o debate sobre a necessidade de intervenções militares internacionais para proteger o patrimônio cultural ameaçado por conflitos armados. Alguns especialistas chegaram a defender a criação de “capacetes azuis culturais”, proposta posteriormente incorporada pela ONU através da Resolução 2347, de 2017.

Contudo, a mobilização internacional também foi objeto de críticas. Muitos analistas apontaram para a seletividade e hipocrisia das potências ocidentais, que expressavam indignação pela destruição de monumentos antigos, mas permaneciam indiferentes ao sofrimento da população síria ou às violações de direitos humanos cometidas por diversos atores no conflito.

Essa crítica revela a instrumentalização do patrimônio como ferramenta diplomática e política. A defesa de Palmira, em muitos casos, foi utilizada por governos para reforçar suas

---

<sup>11</sup> Figura 3 - Revista Architect. Disponível em:  
[https://www.architectmagazine.com/technology/an-open-source-project-to-rebuild-palmyra\\_o](https://www.architectmagazine.com/technology/an-open-source-project-to-rebuild-palmyra_o)

agendas estratégicas no Oriente Médio, seja legitimando intervenções militares, seja contestando adversários geopolíticos.

O governo sírio, por sua vez, procurou capitalizar a destruição de Palmira para reforçar sua imagem de bastião contra o terrorismo. A narrativa oficial apresentava o exército sírio como defensor da civilização frente à barbárie jihadista, mesmo diante de denúncias internacionais de violações de direitos humanos cometidas por suas forças.

Assim, a recuperação de Palmira pelo exército sírio em março de 2016 foi amplamente celebrada pelo governo, com a realização de eventos simbólicos, como o concerto da Orquestra Mariinsky, da Rússia, nas ruínas do teatro romano, transmitido ao vivo como um espetáculo midiático de vitória e resistência.

Figura 4 - A Orquestra Sinfônica do Teatro Mariinsky, regida por Valery Gergiev, se apresenta no histórico anfiteatro de Palmyra,



Fonte: LITOVKIN, 2016.<sup>12</sup>

Por outro lado, a performance musical, realizada sob forte presença militar, foi criticada por organizações de direitos humanos que a interpretaram como uma tentativa de “branqueamento” das ações do regime sírio, transformando Palmira em um palco para a autopromoção política, mais do que um espaço de genuína preocupação patrimonial.

A Rússia, aliada central do governo sírio, também instrumentalizou a reconquista de Palmira para reforçar sua presença e influência no cenário internacional. O concerto nas ruínas foi transmitido pela mídia russa como símbolo do êxito militar e da superioridade cultural russa frente ao terrorismo.

Este episódio evidencia como o patrimônio cultural pode ser apropriado e mobilizado como um ativo estratégico na geopolítica contemporânea, funcionando tanto como símbolo de legitimidade quanto como instrumento de propaganda política e militar.

A repercussão internacional da destruição e posterior recuperação de Palmira revela, portanto, a profunda interconexão entre cultura, política e poder nas dinâmicas globais,

<sup>12</sup> Figura 4 - Fonte: LITOVKIN, Nikolai. Russia Beyond. Disponível em: [https://it.rbth.com/mondo/2016/05/06/reportage-da-palmira\\_590823](https://it.rbth.com/mondo/2016/05/06/reportage-da-palmira_590823)

especialmente em contextos de guerra, onde a disputa pelo controle simbólico dos vestígios históricos se torna tão relevante quanto a conquista territorial.

Entretanto, qualquer reflexão sobre Palmira exige reconhecer que a responsabilidade pela destruição e pela precariedade das políticas de proteção ao patrimônio não recai apenas sobre grupos extremistas como o Daesh. Os próprios atores estatais — tanto o regime sírio quanto as potências internacionais envolvidas direta ou indiretamente no conflito — instrumentalizaram tanto o patrimônio quanto a narrativa de sua destruição para justificar intervenções, reforçar agendas políticas e legitimar ações militares. O governo sírio, por exemplo, utilizou a recuperação de Palmira como símbolo de soberania e resistência, apagando deliberadamente a memória das possíveis violações de direitos humanos que marcaram locais como a prisão de Tadmor.

Do outro lado, potências ocidentais e a própria UNESCO adotaram discursos de defesa do patrimônio que, muitas vezes, soaram seletivos e hipócritas, já que ignoraram ou relativizaram as perdas humanas e culturais em outros contextos que não serviam aos seus interesses estratégicos. A comunidade internacional falhou não apenas em proteger o patrimônio, mas também em evitar que ele fosse convertido em instrumento de guerra simbólica, revelando que os regimes de patrimonialização global continuam atravessados por assimetrias, colonialismos e interesses geopolíticos mal disfarçados.

Por fim, o caso de Palmira evidencia a necessidade de repensar as políticas internacionais de proteção ao patrimônio cultural, superando modelos reativos e fragmentados, para desenvolver estratégias preventivas e integradas, capazes de enfrentar os desafios impostos pelos conflitos armados do século XXI.

### **Iconoclash: Comprendendo as Destruições para Além da Iconoclastia**

A destruição de Palmira, assim como de outros sítios arqueológicos e símbolos culturais pelo Daesh, não pode ser interpretada apenas como atos de iconoclastia no sentido clássico, ou seja, como a simples destruição de imagens religiosas por motivos doutrinários. Conforme argumenta Bruno Latour (2008), é necessário considerar o fenômeno do

“iconoclash”, conceito que desloca a destruição de imagens e monumentos de um ato puramente negativo para uma ação ambivalente e complexa.

O conceito de iconoclash ajuda a compreender que essas destruições, embora violentas, possuem múltiplos sentidos: podem ser tanto destruições intencionais e conscientes quanto atos que suscitam surpresa, horror ou fascínio mesmo entre seus próprios perpetradores e observadores. Não se trata apenas de apagar símbolos do passado, mas de produzir efeitos políticos, midiáticos e afetivos no presente. Nesse sentido Latour destaca:

An iconoclasm occurs when one does not know, one hesitates, one is troubled by an action for which there is no way to know, without further inquiry, whether it is constructive or destructive. It is as if one were thrown into a confusion of the senses, a deep uncertainty about whether one should condemn or celebrate what is being done to images (Latour, 2002, p. 14).<sup>13</sup>

Ömür Harmanşah (2015) aprofunda essa leitura ao descrever a destruição cultural promovida pelo Daesh como uma “política da terra arrasada”. Segundo ele, essas ações não visam apenas eliminar símbolos considerados idólatras, mas provocar um choque global, mobilizando imagens poderosas que circulam nas redes e impactam emocionalmente audiências ao redor do mundo.

A destruição do templo de Bel, do Arco Monumental e de outros elementos arquitetônicos de Palmira, por exemplo, não se limitou a um gesto de supressão religiosa, mas se configurou como uma mensagem política e militar: demonstrar força, infundir terror e desestabilizar inimigos. Assim, os ataques constituíram uma forma de propaganda visual e estratégica que reforçava o poder do Daesh diante de seus adversários e simpatizantes.

I argue that this destruction can be seen as a form of place-based violence that aims to annihilate the local sense of belonging, and the collective sense of memory among local communities to whom the heritage belongs. Therefore, heritage destruction can be seen as part and parcel of this scorched-earth strategy described above. I also argue that the Islamic State coordinates and choreographs these destructions as mediatic spectacles of violence aimed at objects and sites of heritage, and these spectacles take place as re-enactments or historical performances that are continuously and carefully communicated to us through ISIS's own image-making and dissemination apparatus that increasingly utilizes the most advanced technologies of visualization and communication (Harmanşah, 2015, p. 171).<sup>14</sup>

<sup>13</sup> “Um iconoclasm ocorre quando não se sabe, quando se hesita, quando se está perturbado por uma ação sobre a qual não há como saber, sem uma investigação mais profunda, se ela é construtiva ou destrutiva. É como se estivéssemos lançados em uma confusão dos sentidos, uma profunda incerteza sobre se devemos condenar ou celebrar o que está sendo feito às imagens” (Latour, 2002, p. 14).

<sup>14</sup> “Defendo que essa destruição pode ser entendida como uma forma de violência baseada no território, que visa aniquilar o senso local de pertencimento e o sentido coletivo de memória entre as comunidades às quais aquele

A espetacularização das destruições através de vídeos e fotografias cuidadosamente elaboradas evidência que o Daesh entendia o valor simbólico do patrimônio cultural não apenas como vestígio do passado, mas como um recurso para a guerra psicológica. A circulação dessas imagens amplificava o alcance do grupo, fortalecendo sua presença no imaginário global.

Para além da destruição física, o iconoclash promovido pelo Daesh provocou uma crise epistemológica sobre o próprio sentido do patrimônio cultural em tempos de guerra. A destruição não era mais apenas a perda material de objetos antigos, mas a desestabilização de valores universais sobre a memória, a história e a humanidade, frequentemente defendidos por organismos internacionais.

Figura 5 - A cidade de Mosul, no Iraque, foi recapturada do Estado Islâmico em julho de 2017.



Fonte: AFP.<sup>15</sup>

---

patrimônio pertence. Portanto, a destruição do patrimônio pode ser vista como parte integrante dessa estratégia de terra arrasada mencionada anteriormente. Além disso, argumento que o Estado Islâmico coordena e coreografa essas destruições como espetáculos midiáticos de violência, direcionados a objetos e sítios patrimoniais. Esses espetáculos ocorrem como reencenações ou performances históricas que são continuamente e cuidadosamente comunicadas por meio do próprio aparato de produção e disseminação de imagens do ISIS, que utiliza, de forma crescente, as mais avançadas tecnologias de visualização e comunicação” (Harmanşah, 2015, p. 171).

<sup>15</sup> Figura 5 - Fonte UOL Internacional. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/10/31/estado-islamico-a-bomba-relogio-de-centros-de-deteccao-de-integrantes-do-grupo-extremista.htm?cmpid=copiaecola>

Nesse contexto, a ideia de “patrimônio como ruína” ganha novos contornos. As ruínas, que tradicionalmente evocavam o tempo passado e a decadência natural, passam a ser, na contemporaneidade, o produto intencional de estratégias militares e políticas. O Daesh transforma o ato destrutivo em espetáculo, deslocando a ruína de uma categoria estética para uma ferramenta de guerra e propaganda.

O caso de Palmira ilustra com clareza essa dinâmica: as imagens das colunas tombadas, dos muros desmoronados e dos fragmentos espalhados são, simultaneamente, documentos de uma perda irreparável e instrumentos de uma narrativa política violenta. O iconoclash, nesse sentido, rompe com a dicotomia entre iconoclastia e iconofilia, revelando a complexidade das relações humanas com as imagens e os vestígios culturais.

### **A Mídia e a Circulação Global das Imagens da Destrução**

A destruição de Palmira pelo Daesh ganhou um alcance global inédito graças à mediação das tecnologias digitais e à lógica contemporânea de circulação instantânea de imagens. As fotografias das ruínas recém-destruídas, bem como os vídeos divulgados oficialmente pelo próprio grupo, rapidamente alcançaram audiências em todo o mundo, alimentando tanto a comoção internacional quanto o temor diante do avanço do grupo jihadista.

A mídia tradicional, especialmente veículos ocidentais como CNN e BBC, repercutiu amplamente as imagens das ruínas e das explosões, muitas vezes acompanhadas de análises sobre a perda para a humanidade e sobre a ameaça representada pelo Daesh. Essa cobertura reforçou a construção de uma narrativa que vinculava diretamente a destruição do patrimônio com a necessidade de ações militares e políticas para conter o grupo.

Figura 6 - CNN e BBC respectivamente, reportagens acerca da destruição de Palmira<sup>16</sup>.



Fonte: Revista CNN e BBC, respectivamente.

Por outro lado, a mídia alternativa e as redes sociais permitiram que circulassem diferentes interpretações das destruições. Enquanto alguns denunciavam a barbárie do Daesh, outros apontavam a hipocrisia de um mundo que se mobilizava pelo patrimônio arqueológico, mas permanecia relativamente indiferente ao sofrimento das populações sírias, vítimas de bombardeios, deslocamentos forçados e violações de direitos humanos.

Figura 7 - PBS News Hour e Aljazeera, respectivamente, reportagens acerca da destruição de Palmira do ponto de vista das mídias alternativas.<sup>17</sup>

<sup>16</sup> Figura 6 - CNN e BBC respectivamente, reportagens acerca da destruição de Palmira. CNN - Relatórios: ISIS retoma antiga cidade síria de Palmira. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2016/12/12/middleeast/palmyra-syria-isis-russia/index.html>. BBC- Estado Islâmico toma a antiga Palmira da Síria. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-32820857>.

<sup>17</sup> Figura 7 - PBS News Hour e Aljazeera, respectivamente, reportagens acerca da destruição de Palmira do ponto de vista das mídias alternativas. PBS News Hour- Livres do ISIS, as ruínas preciosas de Palmira 'estão cobertas de sangue'. Disponível em: <https://www.pbs.org/newshour/show/freed-from-isis-palmyras-treasured-ruins-have-blood-on-them>

Aljazeera - Aumentam os temores sobre o destino das antigas ruínas de Palmira, na Síria. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2015/5/22/fears-mount-over-fate-of-syrias-ancient-palmyra-ruins>



Fonte: PBS News Hour e Aljazeera, respectivamente.

A circulação global das imagens de Palmira também colocou em evidência a estética da violência promovida pelo Daesh. O grupo organizava a destruição de modo a criar imagens impactantes, cuidadosamente encenadas para maximizar seu efeito midiático. Como analisam Gérard Chaliand e Arnaud Blin (2016), a guerra moderna inclui a batalha pela imagem como elemento central das estratégias de poder:

No campo da guerra irregular, a comunicação — e, portanto, a manipulação das imagens — tornou-se uma arma tão poderosa quanto as bombas. Conquistar a opinião pública, impactar emocionalmente audiências globais e transmitir mensagens de força ou de terror são objetivos tão estratégicos quanto obter vitórias no terreno (Chaliand; Blin, 2016, p. 20).

A devastação dos templos, arcos e monumentos não se restringiu à eliminação física dos vestígios materiais, mas foi meticulosamente planejada para gerar impacto simbólico. As imagens da explosão do Templo de Bel, amplamente disseminadas nas redes sociais e na mídia internacional, não só serviram como demonstração de força do Daesh para seus inimigos, mas também como ferramenta de recrutamento e afirmação ideológica para seus simpatizantes. Nesse sentido, o patrimônio foi transformado em campo de batalha comunicacional, onde a destruição adquire o estatuto de espetáculo globalizado da violência.

Esse aspecto midiático transformou Palmira em um “espetáculo da ruína”, como propõe o conceito de “ruin porn” (pornografia das ruínas), em que a contemplação estética da destruição muitas vezes obscurece as complexidades políticas e humanas envolvidas. A fixação nas imagens das colunas quebradas e dos templos reduzidos a escombros pode induzir a uma percepção estetizada e despolitizada do conflito.

Além disso, a massiva circulação das imagens da destruição de Palmira alimentou a agenda de organismos internacionais como a UNESCO, que utilizou o impacto emocional das fotografias para reforçar campanhas pela proteção do patrimônio cultural em zonas de conflito, e para pressionar estados e organizações a adotarem medidas mais eficazes de salvaguarda.

Figura 8 - Reportagem UNESCO.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Figura 8 - Reportagem UNESCO. Concluída a conservação da estátua do Leão de Al-lāt da antiga cidade de Palmira, danificada pelo ISIL. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/news/1727/>

## **Concluída a conservação da estátua do Leão de Al-Lât da antiga cidade de Palmira, danificada pelo ISIL**



© UNESCO

Fonte: Site da UNESCO.

A mediação das imagens, entretanto, não foi neutra. A escolha de ângulos, a ênfase em determinados monumentos e a exclusão de outros elementos do contexto social e político da Síria contribuíram para uma narrativa seletiva, que muitas vezes reforçava os interesses das potências globais envolvidas no conflito, relegando a segundo plano as vozes e perspectivas locais.

Assim, a destruição de Palmira não pode ser compreendida apenas como um evento material, mas como um fenômeno midiático e simbólico, profundamente moldado pelas formas de circulação e recepção das imagens na era digital. A análise desse processo evidencia o papel central da mídia na construção das narrativas contemporâneas sobre o patrimônio e a violência, e desafia os estudiosos a refletirem criticamente sobre as políticas visuais da guerra.

**Revista Memória em Rede, Pelotas, v.17, n.33, Jul/Dez 2025 – ISSN- 2177-4129**  
<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria>

Diante desse cenário, é pertinente mobilizar o conceito de infocracia, formulado por Byung-Chul Han (2022), para analisar como o Daesh articulou, de modo estratégico, os meios digitais em sua guerra simbólica. A infocracia se define por uma superabundância de informações e pela comunicação veloz e fragmentada, em que a verdade se dilui na circulação incessante de dados e imagens descontextualizadas. Ao converter a destruição do patrimônio cultural em espetáculo digital, o Daesh não apenas impacta a opinião pública internacional, mas atua segundo uma lógica de manipulação afetiva característica desse regime informacional. A imagem deixa de ser mero registro para tornar-se dispositivo de choque emocional, capaz de provocar polarizações e gerar adesões ideológicas instantâneas. Assim, Palmira deixa de ser apenas uma cidade sitiada para tornar-se um palco emblemático da guerra informacional, onde a disputa por visibilidade e narrativa rivaliza com a conquista física do território.

### A Reconstrução de Palmira: Entre Memória e Esquecimento

A reconquista de Palmira pelas forças sírias, em colaboração com aliados russos, abriu espaço para um intenso debate internacional sobre a possibilidade e os limites da reconstrução do sítio arqueológico. A UNESCO, juntamente com organizações locais e internacionais, passou a discutir a viabilidade técnica e ética de restaurar monumentos destruídos pelo Daesh.

A reconstrução de Palmira mobilizou especialistas de diversas áreas, desde arqueólogos até engenheiros civis, que se debruçaram sobre a complexidade de recuperar um sítio milenar afetado tanto pela passagem do tempo quanto pela violência bélica. A utilização de tecnologias como escaneamento 3D e impressão de réplicas foi considerada como uma alternativa para recompor partes destruídas, mas essa proposta suscitou críticas. Como observou o *The Conversation* em um artigo sobre o tema,

Even as they were displaced, Syrians have worked to keep a detailed memory of the city alive [...]. The international community is also playing its part. Groups ... are using the latest technology to create open-access 3D computer models from photographs<sup>19</sup> (Mckenzie, 2016)

---

<sup>19</sup> “Mesmo enquanto estavam deslocados, os sírios trabalharam para manter viva uma memória detalhada da cidade [...]. A comunidade internacional também está fazendo sua parte. Grupos estão utilizando as mais recentes tecnologias para criar modelos digitais em 3D, de acesso aberto, a partir de fotografias” (Mckenzie, 2016).

Para muitos estudiosos do patrimônio, a ideia de reconstrução completa poderia comprometer a autenticidade do sítio. O conceito de “autenticidade”, conforme formulado pela Carta de Veneza (1964) e reafirmado pela UNESCO, implica respeito às características materiais e históricas originais do monumento, o que poderia ser prejudicado por uma reconstrução excessivamente mimética.

Outros críticos argumentaram que a reconstrução poderia apagar as marcas do conflito, promovendo uma espécie de “amnésia arquitetônica”. Segundo essa perspectiva, a destruição também faz parte da história de Palmira, e deveria ser preservada como testemunho das violências do século XXI, evitando a tentação de criar uma narrativa contínua e apaziguada que ignore o trauma recente. Coadunando com essa perspectiva aponta Jokilehto

Physical destruction is an irreversible loss. Restoration or reconstruction activities can never bring back the full meaning of the cultural property. If the monument is fully reconstructed, it may lose its value of authenticity and turn, in public perception, into a copy, a historical fiction constructed in the present. (Jokilehto, 1999, p. 215).<sup>20</sup>

No entanto, setores do governo sírio e de aliados internacionais, como a Rússia, defendem a reconstrução como uma forma de afirmar a vitória sobre o Daesh e recuperar a soberania nacional. Para esses atores, a restauração de Palmira não é apenas uma questão cultural, mas uma estratégia política para fortalecer o Estado sírio perante a comunidade internacional.

A reconstrução de Palmira, nesse contexto, assume um caráter ambivalente: de um lado, busca-se preservar e recuperar um patrimônio da humanidade; de outro, instrumentaliza-se essa restauração para fins políticos e propagandísticos. Assim, o processo de reconstrução não é neutro, mas atravessado por disputas simbólicas e geopolíticas.

Um exemplo emblemático dessa ambivalência foi a realização do concerto de música clássica na cidade, promovido pela Rússia logo após a retomada de Palmira, como dito anteriormente. O evento, transmitido mundialmente, buscou associar a imagem da reconstrução cultural à presença militar russa na região, reforçando a ideia de que a vitória militar também era uma vitória civilizatória.

<sup>20</sup> “A destruição física é uma perda irreversível. As ações de restauração ou reconstrução nunca poderão trazer de volta o significado integral do bem cultural. Se o monumento é completamente reconstruído, ele pode perder seu valor de autenticidade e se transformar, na percepção pública, em uma cópia, uma ficção histórica construída no presente” (Jokilehto, 1999, p. 215).

Além das questões políticas, a reconstrução de Palmira envolve desafios técnicos significativos. A extensão dos danos, a escassez de materiais originais e a ausência de documentação precisa sobre algumas estruturas dificultam a elaboração de projetos de restauração. Ademais, o contexto de instabilidade política e de segurança na Síria impede uma intervenção continuada e segura como aponta a Associated Press, já em 2025, quando o governo de Bashar Al Assad já não mais existia.

There is a big lack of funding so far, for all the sites in Syria... U.S. sanctions exempt activities related to preservation and protection of cultural heritage sites, but sanctions-related obstacles remain, such as a ban on exporting U.S.-made items to Syria (Tabet, citado por *Associated Press*, 2025)<sup>21</sup>

A discussão sobre a reconstrução de Palmira também levanta questões sobre quem deve decidir o destino do patrimônio cultural: as comunidades locais, as autoridades estatais ou a comunidade internacional? Essa pergunta permanece em aberto, refletindo a tensão entre soberania nacional e responsabilidade universal na gestão de bens culturais de valor global.

Em última instância, Palmira simboliza os dilemas contemporâneos sobre memória, patrimônio e identidade. Reconstruir ou preservar as ruínas como estão? Honrar o passado ou registrar o presente? Essas questões desafiam não apenas os profissionais do patrimônio, mas toda a humanidade, convocada a refletir sobre o sentido da preservação em tempos de conflito e sobre o papel da cultura como espaço de resistência ou de esquecimento.

### **Considerações Finais**

A análise do ataque ao patrimônio cultural em Palmira, ocorrido entre 2015 e 2017, revela um fenômeno complexo que transcende a mera destruição física de monumentos arqueológicos. Trata-se de um processo profundamente imbricado nas disputas políticas, ideológicas e midiáticas que marcam o contexto da guerra civil síria e o confronto global com o Daesh.

As ações do Daesh configuram-se como uma política deliberada de “terra arrasada”, em que a destruição do patrimônio é utilizada como instrumento de violência simbólica e propaganda, conforme conceituado pelo antropólogo Ömür Harmanşah com o termo

<sup>21</sup> Há uma enorme falta de financiamento até agora, para todos os sítios na Síria... As sanções dos Estados Unidos isentam atividades relacionadas à preservação e proteção de sítios do patrimônio cultural, mas ainda permanecem obstáculos vinculados às sanções, como a proibição de exportação de itens fabricados nos EUA para a Síria” (Tabet, apud *Associated Press*, 2025, tradução própria).

“iconoclash”. Essa abordagem amplia a compreensão dos atos iconoclastas, revelando sua dimensão performativa e estratégica.

A repercussão internacional das destruições, mediada pela mídia global, destacou a importância do patrimônio cultural como elemento simbólico de valor universal, ao mesmo tempo em que evidenciou as contradições e limites das narrativas midiáticas, frequentemente tensionadas entre interesses políticos, emocionais e éticos.

O processo de reconstrução de Palmira, por sua vez, coloca em evidência os desafios inerentes à preservação do patrimônio em contextos de conflito, envolvendo debates sobre autenticidade, memória e instrumentalização política. As decisões tomadas nesse campo refletem as tensões entre soberania nacional, responsabilidade internacional e as demandas das comunidades locais.

Em última instância, o caso Palmira nos convoca a refletir sobre o papel do patrimônio cultural como espaço de resistência, memória e identidade em tempos de violência e guerra, bem como sobre a necessidade de estratégias integradas e sensíveis para sua salvaguarda.

Assim, este artigo reafirma a importância de compreender a destruição cultural não apenas como perda material, mas como um fenômeno multidimensional que exige análises críticas e políticas que integrem o local e o global, o passado e o presente, e que dialoguem com as múltiplas vozes envolvidas na defesa do patrimônio humano.

Importante frisar que este artigo ainda não incorpora, na perspectiva da proteção do patrimônio, as implicações da queda do governo de Bashar Al Assad ocorrida nas últimas semanas de 2024 quando membros do HTS apoiados pela Turquia e pelo Catar marcharam pelo país em um processo de deserção em massa do exército sírio. Pretendemos realizar essa análise e suas implicações em um próximo artigo onde detalharemos o novo cenário que no momento atual está absolutamente confuso e repleto de incertezas, inclusive, no que diz respeito a soberania territorial do que irá sobrar para a Síria após a queda de Assad.

## Referências Bibliográficas

ASSOCIATED PRESS. Restoration lags for Syria's famed Roman ruins at Palmyra and other war-battered historic sites. *AP News*, 2025. Disponível em: <https://apnews.com/article/syria-palmyra-ruins-archeology-heritage-784ff4473db36c83d440d9945b7f602c>. Acesso em: 19 jun. 2025.

BBC NEWS. Islamic State 'blows up Palmyra temple' - satellite images. 24 ago. 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-34036644>. Acesso em: 19 jun. 2025.

BOKOVA, Irina. Declaração à imprensa sobre a destruição de Palmira. Paris: UNESCO, 1º set. 2015. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000233999>. Acesso em: 19 jun. 2025.

CHALIAND, Gérard; BLIN, Arnaud. *A guerra no século XXI: do terrorismo à guerra cibernética*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

DEBORD, Guy. *La société du spectacle*. Paris: Buchet-Chastel, 1967.

HAN, Byung-Chul. *Infocracia: digitalização e a crise da democracia*. Tradução de Marcelo Backes. Petrópolis: Vozes, 2022.

HARMANŞAH, Ömür. ISIS, heritage and the spectacles of destruction in the global media. *Near Eastern Archaeology*, v. 78, n. 3, p. 170–177, 2015.

HOSKINS, Andrew; O'LOUGHLIN, Ben. *War and Media: The Emergence of Diffused War*. Cambridge: Polity Press, 2007.

AL JAZEERA. ISIL ‘blows up’ Syria’s notorious Palmyra prison. Doha, 31 maio 2015. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2015/5/31/isil-blows-up-syrias-notorious-palmyra-prison>. Acesso em: 19 jun. 2025.

JOKILEHTO, Jukka. *A History of Architectural Conservation*. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1999.

LATOUR, Bruno. *War of the Worlds: What about Peace?* Chicago: University of Chicago Press, 2002.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MCKENZIE, Judith; et al. Should we 3D-print a new Palmyra?. *The Conversation*, 13 abr. 2016. Disponível em: <https://theconversation.com/should-we-3d-print-a-new-palmyra-57014>. Acesso em: 19 jun. 2025.

MILITANTS destroy notorious prison in Syria. *SFGate*, San Francisco, 28 maio 2015. Disponível em: <https://www.sfgate.com/world/article/Militants-destroy-notorious-prison-in-Syria-6299994.php>. Acesso em: 19 jun. 2025.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PAPAGIANNIS, George. UNESCO condemns destruction of cultural heritage in Palmyra. *UNESCO World Heritage Centre*, 1 jul. 2015. Disponível em: <URL>. Acesso em: 19 jun. 2025,

SAID, Edward. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

THE NEW YORK TIMES. Palmyra Temple Was Destroyed by ISIS, U.N. Confirms. 31 ago. 2015. Disponível em:  
<https://www.nytimes.com/2015/09/01/world/middleeast/isis-militants-severely-damage-temple-of-baal-in-palmyra.html>. Acesso em: 19 jun. 2025.

UNESCO. Director-General Irina Bokova expresses consternation at the destruction of the Temple of Bel in Palmyra. *UNESCO World Heritage Centre*, Lyon, 30 ago. 2015. Disponível em:  
<https://whc.unesco.org/en/news/1341/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

UNESCO. Director-General Irina Bokova expresses consternation at the destruction of the Temple of Bel in Palmyra. 1 set. 2015. Disponível em: *UNESCO World Heritage Centre*. Acesso em: 19 jun. 2025.

VEYNE, Paul. *Palmyre: l'irremplaçable trésor*. Paris: Albin Michel, 2015.